

PIERRE-JOSEPH PROUDHON E A EDUCAÇÃO TECNICISTA

Celso Kraemer¹
Patricia Lanzini Franco²
Luciano Ricardo Nascimento³

RESUMO: O presente artigo centra-se em debater sobre Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) e a educação tecnicista. A educação aliada à instrução técnica já ocorria na Antiguidade, como forma de instruir os escravos que executavam volumosas obras de construção civil. Na Idade Média, foi praticada nos mosteiros medievais, pelos monges. No século XXI, o aprender a fazer, é uma das colunas que sustentam a educação, pregando que é relevante a aplicação da técnica com os conhecimentos teóricos. Proudhon, um dos mais importantes pensadores socialistas do século XIX, entende que a educação e a instrução técnica tornam os operários mais completos e auxilia também na formação de uma sociedade mais justa, liberta e igualitária. A produtividade dos operários é maior quando estes entendem todo o processo fabril, desde o planejamento até as práticas operacionais. A educação, portanto, não deve ficar limitada apenas ao ensino das letras, mas sim, conjugando o ensino teórico com o ensino prático.

Palavras-chave: Pierre-Joseph Proudhon. Educação. Educação técnica. Aprendizagem politécnica.

ABSTRACT: The articles focused on debating Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) and technicist education. Education combined with technical instruction was already observed in antiquity as a means of instructing the slaves who carried out massive construction works. In the Middle Ages was practiced in medieval monasteries, the monks. In the twenty-first century, learning to do, is one of the pillars that support education, preaching that will be relevant to application of the technique with theoretical knowledge. Proudhon, one of the most important socialist thinkers of the nineteenth century, believed that education and technical education workers become more complete and would assist in the formation of a more just society, free and equal. The productivity of the workers would be greater if they understand the entire manufacturing process, from planning to operational practices. Education, therefore, should not be confined to the teaching of letters, but by combining the theoretical with the practical teaching.

Keywords: Pierre-Joseph Proudhon. Education. Technical Education

¹ □ Doutorado em Filosofia. Universidade Regional de Blumenau. E-mail: celsok@furb.br

² □ Mestre em Educação Científica e Tecnológica. Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: patricialanzinifranco@hotmail.com

³ □ Mestrando em Educação. Universidade Regional de Blumenau. E-mail: lucianoblumenau@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo discute sobre Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) e a educação tecnicista. Proudhon é considerado um dos mais importantes pensadores socialistas do século XIX. Foi por seu intermédio que o anarquismo ganhou espaço e voz em 1840. Especificamente à educação, Proudhon entende que deve existir uma ligação entre a educação e o trabalho. E esta precisa ser realizada por meio de uma aprendizagem politécnica, isto é, a união da aprendizagem com a educação, nos ensinamentos literários e científicos, atrelados com a aprendizagem industrial.

A preocupação com a educação técnica já existia desde a Antiguidade, por exemplo, na Roma antiga, como método de instrução para os escravos que executavam grandes obras; passou pela Idade Média, praticada nos mosteiros medievais; e aparece no século XXI, como ferramenta para fornecer aos estudantes uma educação que tenha por peculiaridade a aprendizagem da teoria com a aprendizagem técnica. Neste contexto, o objetivo deste artigo é demonstrar, na visão de Proudhon, a educação como uma forma de emancipação do proletariado, voltada para o ensino industrial, conjugado com o ensino teórico. Assim, pretende-se apresentar os elementos que possam fundamentar a visão da educação tecnicista de Proudhon. Inicia-se com uma revisão sobre a educação técnica no mundo e no Brasil, logo após, discorre-se sobre a vida de Proudhon; e, por fim, debate-se a educação tecnicista pretendida por ele. Buscou-se os conceitos na literatura tradicional, revistas e em conteúdos de artigos disponíveis em sítios eletrônicos.

EDUCAÇÃO TÉCNICA

Na Antiguidade, cria-se em Roma, as escolas de 1º, 2º e 3º graus com o objetivo de fornecer pessoas instruídas para o seu quadro burocrático, fator imprescindível para a gestão de seus vastos domínios. O resultado de tal iniciativa caracteriza-se, conforme coloca Motoyama (1995), como uma educação clássica, sem preocupação com a formação das competências técnicas ou profissionais as quais devem ser adquiridas pela prática. Contudo, para a realização de grandes obras de engenharia civil, peculiaridade dos romanos, foram necessários um enorme contingente de operários, artesãos e técnicos. Estes, na grande maioria foram escravos e para torná-los qualificados, são instituídas as escolas técnicas.

Durante a Idade Média, a educação técnica é caracterizada pelo estilo mestre-aprendiz. Nesta época, os mosteiros também foram locais de ensino técnico. Motoyama (1995, p. 27) enfatiza que pela “formação letrada e erudita, associada ao modo de viver marcado pelo artesanato, os monges eram capazes de transmitir os seus conhecimentos técnicos por meio da escrita.” A educação técnica e tecnológica atuais tem as suas origens nas escolas de navegação dos séculos XV e XVI e nos sistemas de instrução implantados durante a Revolução Industrial e Revolução Francesa. Investimentos altos em educação, ciência e tecnologia foram realizados e moldados conforme as novas características advindas com a modernidade.

Silva e Cunha (2002, p. 78) afirmam que um dos pilares da educação para o século XXI, é ‘aprender a fazer’, ou seja, “significa que a educação não pode aceitar a imposição de opção entre a teoria e a técnica, o saber e o fazer. A educação para o novo século tem a obrigação de associar a técnica com a aplicação de conhecimentos teóricos.” Assim, percebe-se que uma das particularidades da educação no século XXI é fornecer aos discentes uma educação que alie a aprendizagem teórica com a aprendizagem técnica.

EDUCAÇÃO TÉCNICA NO BRASIL

A implementação do ensino técnico no Brasil teve início em 1909, quando o país decide investir na formação profissional, instituindo as Escolas de Aprendizes e Artífices, nas capitais brasileiras. Tais instituições deram origem às atuais Escolas Técnicas Federais. Recentemente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei nº 9.394/96 e o Decreto Federal 2.208/97 normatizaram os pilares para a reforma do ensino profissionalizante no Brasil. A Educação Profissional efetiva-se em uma rede diferenciada.

a) Pelo ensino médio e técnico, incluindo redes federal, estadual, municipal e privada; b) Pelo sistema “S”, que inclui os Serviços Nacionais de Aprendizagem e de Serviço Social, mantidas por contribuições para fiscais das empresas privadas: Senac/Sesc etc.; c) Por universidades públicas e privadas, que oferecem além da graduação e da pós-graduação, serviços de extensão e atendimento comunitário; d) Por escolas e centros mantidos por sindicatos de trabalhadores; e) Por escolas e fundações mantidas por grupos empresariais; f) Por organizações não-governamentais de cunho religioso, comunitário e educacional; g) Pelo ensino profissional livre, concentrado em centros urbanos e pioneiro na formação à distância (MANFREDI, 2002, p. 144).

O Decreto nº 6.095, de 2007, veio reorganizar as instituições federais de ensino profissional e tecnológico em todo o país e sutilmente retira destas a sua natureza profissional. Por intermédio de tal Decreto, foram instituídos os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – IFET, com o objetivo de aproximar mais a educação técnica da educação em geral. Kulesza (2008) lembra que a Lei nº 11.892, de 2008,

instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, criando os Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia. Tais institutos têm como meta principal “ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional”. (KULESZA, 2008, p. 90). Para Kulesza (2008), tais instituições técnicas foram se modificando ao atravessarem diversas conjunturas econômicas, sociais e políticas, ocorridas no Brasil. Atualmente, estas instituições formam um valioso patrimônio público, que foi conquistado com o objetivo de concretizar e democratizar o acesso aos conhecimentos científicos e tecnológicos.

PIERRE-JOSEPH PROUDHON (1809-1865)

Pierre-Joseph Proudhon nasceu em 1809 na França, sendo visto como um dos pensadores socialistas mais intensos e mais relevantes do século XIX. De família humilde, passa sua infância nos campos, em contato direto com a natureza. Uma bolsa de estudos possibilita a Proudhon que frequente a escola em sua cidade natal, Besançon. Contudo, necessita abandonar os estudos para trabalhar numa tipografia e auxiliar nas despesas da família. Tal tipografia veio a falir, obrigando Proudhon a vagar pelas ruas, se submetendo a pequenos trabalhos gráficos. Por sorte, amigos montaram uma gráfica e Proudhon é chamado para trabalhar em uma atividade estável, como tipógrafo-chefe. Esta oportunidade permite que ele estude muito, chegando a elaborar uma obra sobre gramática '*Recherches sur les catégories gramaticales*'. (GALLO, 1995). Esta obra é muito bem aceita e proporciona a Proudhon uma bolsa de estudos para o grau superior. Contudo, ele precisava ainda terminar o ensino médio, o que levou alguns anos.

Proudhon estuda vários assuntos e começa a publicar trabalhos, e em 1841, publica a obra 'O que é propriedade', onde critica a sociedade capitalista. A repercussão de tal obra leva Proudhon a ter sua bolsa de estudo retirada. Tal obra publicada por Proudhon, na visão de Costa e Sant'anna (1981), foi precursora de todos os elementos das sucessivas doutrinas libertárias. Proudhon submete a propriedade privada, alicerces da economia política a um exame, de forma crítica – a um exame sério, tanto absoluto como científico. Rodrigues (1988, p. 38) considera que “Proudhon não só escreve no interesse dos operários, como é, ele mesmo operário. Seu trabalho é um manifesto sério do proletariado francês e tem uma importância histórica muito maior que as elucubrações literárias do crítico comum”.

Proudhon dedica-se nos anos seguintes aos movimentos sociais, tornando-se jornalista. Elege-se deputado, como representante popular da classe trabalhadora. Após desilusões com as atividades de cunho parlamentar, volta ao jornalismo, e faz duras críticas à política e à sociedade capitalista. Gallo (1995) enfatiza que Proudhon é considerado o responsável pelo resgate do termo ‘anarquia’⁴ de sua conotação pejorativa, firmada durante a Revolução Francesa, sendo o iniciador do movimento anarquista moderno. Proudhon procura explicar que a autoridade e o governo deturpam a sociedade natural, que deve ser, necessariamente, justa e equânime. O poder leva a escravidão e a dominação, aniquilando a justiça e a igualdade. Nesse contexto, a sociedade deve ter como pilar a liberdade, o que garantiria a justiça e a igualdade:

[...] A liberdade é essencialmente organizadora: para assegurar a igualdade entre os homens, o equilíbrio entre as nações, é preciso que a agricultura e a indústria, os centros de instrução, de comércio e de armazenamento sejam distribuídos segundo as condições geográficas e climáticas de cada país [...]; o caráter e os talentos naturais dos habitantes, em proporções tão justas, tão sábias, tão bem combinadas que lugar algum apresente nem excesso nem ausência de população, de consumo e de produto. [...] A política é a ciência da liberdade: o governo do homem pelo homem, sob qualquer nome que se disfarce, é opressão; a mais alta perfeição da sociedade se encontra na união da ordem e da anarquia (GALLO, 1995, p. 42).

A liberdade por si só é organizadora: para certificar a igualdade entre as pessoas, a equanimidade entre os povos, faz-se necessário que todos os setores da sociedade sejam disseminados de acordo com as condições geográficas que cada nação, o caráter e o talento dos que ali vivem em proporções justas, sábias e combinadas, que nenhum lugar apresente deficiências ou sobras de produtos ou de consumo. A política é a noção da liberdade, ou seja, os homens governando para os homens, qualquer forma longe disso é opressão; a mais elevada perfeição da sociedade se dá no elo entre a ordem e a anarquia.

Proudhon (2008, p. 29) considera a anarquia como “ausência de senhor, de soberano, tal é a forma de governo de que nos aproximamos todos os dias e que o hábito inveterado de tornar o homem por regra e sua vontade por lei nos faz olhar como o cúmulo da desordem e a expressão do caos.” Para Proudhon (2008) a liberdade é igualdade, a primeira não existe senão no estado social, e fora da igualdade não existirá sociedade. A sociedade é anarquia, porque ela não admite o governo da vontade, mas somente a autoridade da lei, isto é, da necessidade. Oliveira (1999) aponta que as obras de Proudhon fornecem os pilares intelectuais para o movimento anarquista europeu, no que

⁴ “O termo anarquia, tem sua raiz grega, significa ‘ausência de governo’. Historicamente, foi tomado num sentido negativo, partindo-se do princípio de que, se não há governo, não há ordem. Proudhon é o primeiro a defender o aspecto positivo da anarquia, argumentando em ‘O que é Propriedade’, que a ausência de um governo é a maior expressão da ordem em uma sociedade” (GALLO, 1995, p. 42).

se refere não apenas ao movimento dos operários, mas sim ao movimento de renovação pedagógica reivindicado pelos libertários.

Os textos e os trabalhos de Proudhon a respeito da educação apontam uma necessidade do elo entre ensino e trabalho. Proudhon defende que a educação e o trabalho devem chegar a uma determinada equivalência. Proudhon (2007a) afirma que se a educação for experimental e prática, apenas reservando o discurso para explicar e coordenar o trabalho; se for consentido aprender pelos olhos e pelas mãos; logo se enxergaria, com as formas de trabalho, se multiplicar as capacidades. Ele propõe que a educação pelo trabalho deve ser realizada por intermédio de uma 'aprendizagem politécnica': ou seja, a união dos processos de aprendizagem com a educação.

PIERRE-JOSEPH PROUDHON E A EDUCAÇÃO TÉCNICA

O centro da concepção pedagógica de Proudhon é o trabalho, de forma mais específica, o trabalho manual. Para ele, a vivência igualitária do trabalho é a própria convivência democrática. Oliveira (1999) comenta que Proudhon considera que o trabalho tem o papel de regenerador do homem. Para libertar o homem da opressão e da exploração, a instrução e a educação são de suma importância. A instrução e a educação são instrumentos capazes de se atingir uma sociedade ideal, onde predomine a justiça, a liberdade e a igualdade.

Proudhon enxerga que um dos aspectos da dominação da burguesia é a dicotomia entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. Observa que o trabalho intelectual, especificamente, o planejamento e a gerência sempre foram realizados pela burguesia e o trabalho manual, mais desgastante, realizado pelos operários. (GALLO, 1995). Proudhon (2007b) considera que pela mesma razão é que as máquinas inibem os esforços dos operários, abreviam e diminuem o trabalho, de maneira que este se torna sempre mais ofertado e menos requerido. Pouco a pouco, a redução dos preços faz aumentar o consumo, a proporção se restabelece e o trabalhador é recontratado; mas como os aperfeiçoamentos industriais sucedem-se e tendem, de forma contínua, a substituir o trabalho do homem pela utilização das máquinas, segue-se assim uma tendência constante de diminuição de uma parte do serviço e a substituição do trabalhador na produção.

Defende Proudhon (2008) que qualquer espécie de trabalho é mais ágil e menos desgastante, quando os operários dominam todas as etapas do processo: do plano até a

prática da produção. Proudhon é contra o trabalho alienado, paradigma do capitalismo, onde o operário não tem domínio do que produz, por não ter conhecimento por inteiro. Gallo (1995) relata que para Proudhon, o trabalho é um instrumento de aprendizagem, tornando a educação muito mais completa. O operário que domina tanto o conhecimento teórico quanto o conhecimento prático é, também, uma pessoa mais completa. Assim, a educação e o trabalho tornam-se equivalentes. Proudhon propõe que a educação pelo trabalho se faz mediante uma aprendizagem politécnica: “para ele, a politecnia da aprendizagem traduz-se na união da aprendizagem com a educação, na instrução literária e científica combinada com a instrução industrial” (GALLO, 1995, p. 55).

Para tanto, faz-se necessário que a educação não fique restrita ao ensino das letras, isto é, a educação não deve estar focada apenas para o intelecto, mas deve, comumente, direcionar-se para o aprendizado artesanal do trabalho. Para que se concretize uma aprendizagem politécnica não basta uma escola comum, mas torna-se necessário uma oficina-escola: “[...] onde a manipulação das coisas seja possível, onde a aplicação prática dos conhecimentos teóricos seja imediata, e onde do próprio trabalho prático seja possível chegar-se à formulação e ao entendimento de novos conceitos teóricos” (GALLO, 1995, p. 56).

Proudhon acredita que o aperfeiçoamento intelectual e moral do homem é formado no processo de trabalho. O trabalho, assim, torna-se “a fonte de produção do conhecimento e da moral, devendo estar na base de toda a organização social. Ele é ao mesmo tempo, produtor de riqueza e de virtude moral e política, padrão básico da ética” (OLIVEIRA, 1999, p. 155). Proudhon (2007b) considera que o trabalho deve ser visto como guerra declarada à miséria. O trabalho deve ser organizado, primeiramente, pela divisão, e logo após pelas máquinas, depois pela concorrência. Nesse contexto, a miséria que assola as classes trabalhadoras provém em geral da fraqueza e da inércia de suas faculdades morais e intelectuais.

A politecnia na educação instiga reflexão para inúmeras significações. Do ponto de vista pedagógico, o termo significa o domínio do conhecimento dos processos fabris. Gallo (1995, p. 56) entende que “a politecnia pressupõe naturalmente a pluralidade, a percepção e a compreensão do múltiplo, como domínio de uma realidade complexa, que será percebida não como dividida, mas como uma complexidade articulada e interdependente.” A proposta pedagógica de Proudhon está alicerçada no trabalho, sendo este considerado o pilar central para a ética. A escola enquanto instituição de aprendizagem e formação do homem, deve localizar-se no espaço da produção, onde os homens aprendem fazendo.

Neste campo, Proudhon segue os passos de outros pensadores que defendem a união do ensino com o trabalho, como Robert Owen⁵.

A idéia de Proudhon é simples: são grandes os obstáculos para criar em cada instituição de ensino, uma oficina bem equipada e com mestres competentes e com conhecimento para ser transmitido aos educandos. Para ele, é mais fácil levar a escola até a fábrica. Sua sugestão é que cada indústria mantivesse em seu interior oficinas de aprendizagem. Gallo (1995) considera que tal proposta apresenta uma mudança radical no sistema de ensino vigente, saindo do domínio do Estado e da Igreja, passando para as mãos do privado. Proudhon é muito claro em sua proposta, a oficina-escola deve estar aberta a todos, na própria fábrica, proporcionando aos educandos o contato direto com os processos fabris.

Para Proudhon, toda e qualquer educação não é mais do que uma extensão da educação doméstica, aquela que é iniciada no seio da família, e o ideal é que todo o processo educativo estivesse diluído por inúmeros núcleos familiares. Como isso não é possível, o sistema público continua aquilo que foi iniciado na família. [...] a educação politécnica ocuparia o lugar do ensino secundário, após a criança ter sido iniciada na inteligência dos símbolos, na compreensão das linguagens que permitem o seu relacionamento com o mundo [...]; no início da juventude começaria a ser inserida no mundo da produção, tomando contato com o trabalho e com a ciência que desvendam seus segredos. Com a idade adulta, seria um operário completo, consciente de si, do mundo, da sociedade e de todo o processo de produção material, capaz de dominá-lo, e não ser dominado automaticamente por ele. (GALLO, 1995, p. 59).

A educação pelo trabalho é uma extensão da educação familiar, ou seja, a educação politécnica é exercida no ensino secundário, após a criança ter tido contato com as letras. Assim, no começo da juventude o indivíduo já está fixado no meio dos processos fabris, tendo contato direto com a realidade de tais processos. Chegando a idade adulta, torna-se um operário pronto, consciente de si e de todo processo de produção.

Muriyón (1989) relata que Proudhon insiste muito no grande valor pedagógico do trabalho, excluído dos estudos e reservado aos operários. “Ao mesmo tempo, criticava o excesso de especialização, que reforçava a dedicação de pessoas a atividades fragmentadas, excessivamente mecânicas, com um notável empobrecimento do desenvolvimento pessoal (MURIYÓN, 1989, p. 22). Para Oliveira (1999), o ensino politécnico tem uma dupla função que é relacionar a teoria com a prática, onde ambas abrangem os fundamentos científicos de todos os processos fabris e os aspectos práticos de todos os ofícios. Trata-se de criar técnicos, com formação teórica, letrados, capazes de tomar decisões de forma autônoma.

⁵ □ “Robert Owen (1771-1858), industrial e filantropo inglês, foi um dos primeiros pensadores a atribuir fundamental importância pedagógica ao trabalho manual. Ele pretendia instituir um sistema de instrução e de organização do trabalho, visando proporcionar cultura aos operários e aos seus filhos.” (OLIVEIRA, 1999, p. 160).

Proudhon defende que a instrução do homem deve ser concebida de tal forma que dure toda a vida. Coloca que essa é a verdade de todos os homens, mais ainda da classe operária do que os mestres de profissão. O desenvolvimento da instrução, como o desenvolvimento da virtude, pertence a todas as classes e idades. É a garantia da dignidade e da felicidade dos homens (RESENDE; PASSETTI, 1986).

Há uma época de educação preparatória, um tempo escolar durante o qual a criança e o adolescente quase não fazem outra coisa senão se munir de conhecimentos elementares, se exercitar nos trabalhos manuais, permanecendo assim, ao menos em parte, sob o encargo das famílias, até que estejam em condições de prover sozinhos sua instrução ulterior a sua subsistência. É desse período primário do ensino, o segundo da vida humana, que temos de nos ocupar: ele se estende, em média, para um e outro sexo, da idade de sete anos completos à de dezoito anos, ou seja, um período de dez a doze anos (RESENDE; PASSETTI, 1986, p. 188).

A preocupação com a educação deve ser focada na idade de sete até mais ou menos dezoito anos. Contudo, uma instrução literária instiga uma pluralidade variada de conhecimentos, o que exige também uma pluralidade de educadores nas instituições de ensino, como também na instrução profissional. Para Proudhon, o trabalho é o pilar do que existe de humano e na sociedade. Mediante o trabalho, os indivíduos revelam seu valor. É pelo trabalho que o homem “pode-se tornar o senhor da criação. O trabalho produz, pois, não só as forças e os valores econômicos, mas o homem, os grupos, as sociedades, as idéias, inclusive a de justiça” (GURVITCH, 1991, p. 99).

Para implantar a pedagogia politécnica, Proudhon trabalha com a visão de que se deve educar partindo da prática, da realidade vivenciada, para logo após abstrair e teorizar o entendimento. Na educação por intermédio do trabalho, a primeira realidade é a da oficina e a da manipulação de instrumentos. A educação parte da vivência prática dos conteúdos para se conseguir atingir a sua conceituação teórica. (GALLO, 1995).

Não é uma educação apenas especializada. A primeira etapa compreende oferecer a todos uma educação geral; “base necessária para que qualquer especialização escolhida posteriormente pudesse ser exercida sem prejuízo para o domínio do conhecimento do geral” (GALLO, 1995, p. 61); um operário especializado na produção de telhas, por exemplo, não fica abdicado de conhecer a estrutura geral da sociedade e de sua economia, suas normas, seu desenvolvimento, estando pronto para participar de sua administração.

“O ensino deve ser ministrado completamente, de modo que a escolha da profissão e da especialidade pelo operário aconteça da mesma maneira para o politécnico, após a conclusão do curso completo de estudo”. (GALLO, 1995, p. 61). Tais são as peculiaridades da educação por intermédio do trabalho, o que significa iniciar do conhecimento prático para a posterior teorização, e igualmente iniciar do conhecimento geral para uma

especialidade, são empenhos realizados no sentido de se atingir uma superação da alienação do homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação técnica no século XXI tem como escopo principal propiciar aos educandos uma educação que conjugue os conhecimentos teóricos e práticos. Proudhon entende dessa forma. Ele prega para libertar os operários da opressão e da exploração e para isso a educação e a instrução apresentam-se como as ferramentas ideais. Através da educação e da instrução, pode-se chegar a uma sociedade mais justa, liberta e igualitária. A produtividade pode ser maior se os operários soubessem todas as etapas dos processos fabris, desde seu planejamento até a prática produtiva. O operário que tiver uma educação voltada para o trabalho possui uma educação muito mais completa, e torna-se da mesma forma, uma pessoa mais completa. A educação, portanto, não deve ficar limitada apenas ao ensino das letras, mas também, ao aprendizado industrial. As instituições de ensino, assim, precisam ensinar-fazendo, ou seja, onde a manipulação das coisas seja possível, onde a aplicação prática dos conhecimentos teóricos seja imediata. Neste contexto, a politecnia da aprendizagem comungaria a aprendizagem com a educação, na instrução literária com a instrução fabril. Empregando assim, um ensino com dupla função, que relaciona a teoria com a prática. O aprender a fazer, um dos pilares centrais da educação para o século XXI, significa que os processos educacionais devem estar voltados para a associação da técnica com a aplicação dos conhecimentos teóricos, idéia também partilhada por Proudhon no século XIX.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Caio Túlio; SANT'ANNA, Vanya. **O que é o anarquismo**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- GALLO, Sílvio. **Pedagogia do risco**. Campinas: Papyrus Editora, 1995.
- GURVITCH, Georges. **Proudhon e Marx**. 2 ed. Lisboa: Editora Presencial, 1991.
- KULESZA, Wojciech A. Civilizar ou habilitar: dilemas do ensino técnico no Brasil. **Universidade e Sociedade**. Brasília/DF, ano XVIII, n. 42, jun 2008, p. 89-97.
- MANFREDI, Sílvia Maria. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MOTOYAMA, Shozo. **Educação técnica e tecnológica em questão: 25 anos do CEETEPS : história vivida**. São Paulo: UNESP: CEETEPS, 1995.
- MORIYÓN, Félix G. Os pedagogos anarquistas. In: BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovitch et al. **Educação libertária**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, III – o ensino integral, p. 21-24.
- OLIVEIRA, Leila Floresta de. Gênese do pensamento pedagógico anarquista: Proudhon e os princípios liberais e democráticos. **Educação e Filosofia**, Minas Gerais, v. 13, n. 26, jul./dez. 1999, p. 141-172.
- PROUDHON, Pierre J. A propriedade é um roubo. In: BASTOS, Suely; GUÉRIN, Daniel. **A propriedade é um roubo e outros escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 20-31.
- _____. Prólogo. In: PROUDHON, Pierre-Joseph. **Sistema das contradições econômicas ou filosofia da miséria**, Tomo I: texto integral. São Paulo: Escala, 2007a, III – p. 32-46.
- _____. Evoluções econômicas – primeira época – a divisão do trabalho. In: PROUDHON, Pierre-Joseph. **Sistema das contradições econômicas ou filosofia da miséria**, Tomo I: texto integral. São Paulo: Escala, 2007b, cap. III, p. 116-145.
- RESENDE, Paulo-Edgar A.; PASSETTI, Edson. **Pierre-Joseph Proudhon**. Ática: São Paulo, 1986.
- RODRIGUES, Edgar. **Os libertários: idéias e experiências anárquicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- SILVA, Edna L. da.; CUNHA, Miriam V. da. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ciência e Informação**, Brasília/DF, v. 31, n. 3, set./dez. 2002, p. 77-82. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n3/a08v31n3.pdf>>. Acesso em: 9 fev. 2012.